

## *Nota sobre a segunda edição*

A ideia central deste livro surgiu-me quando, no início deste nosso século, tendo ficado claro para mim que os ventos neoliberais de destruição do estado social tinham entrado perigosamente no espaço político da social-democracia europeia, procurei entender o que poderia justificar uma tal reviravolta.

Sabemos que o estado social se concretizou em determinadas condições históricas que obrigaram a recorrer ao engenho criativo para salvar o capitalismo. Como se compreende que ele esteja agora na mira de todos os defensores do capitalismo (conservadores e sociais-democratas), olhado como uma terrível doença sobre a qual se atiram todas as culpas da pouca saúde do sistema?

Sabemos também que, após a Segunda Guerra Mundial, a social-democracia europeia fez do estado social de matriz keynesiana o núcleo central do seu projeto reformista, a ponto de ‘matar’ a alternativa socialista, porque o estado social, no contexto de uma economia social de mercado (ou economia de mercado regulada), já era mais socialismo do que capitalismo. Como se compreende que também ela (e não só a terceira via blairista, mas, na prática, todas as vias da social-democracia europeia) tenha acabado por desvalorizar o estado social, atuando de modo a reduzi-lo à caricatura de uma espécie de estado social mínimo?

As minhas reflexões levaram-me a aprofundar a análise de uma problemática que há muito me interessava, a problemática do papel do estado (do estado capitalista), ao longo dos dois séculos e meio da história do capitalismo.

Entretanto, em finais de 2007, emergiu nos EUA a chamada crise do sub-prime, uma crise com epicentro no setor financeiro especulador, que, desde o início, diagnostiquei como mais uma crise do capitalismo. Neste caso, uma crise anunciada, como que ‘programada’ pelo tipo de políticas que os vários poderes políticos do capitalismo (os estados nacionais, as agências do capitalismo como um todo – FMI, OCDE, Banco Mundial, OMC, Comissão Europeia, BCE, etc. – e os clubes privados da alta finança (o G8, o G20, a Comissão Trilateral, o Fórum de Davos, etc.) vêm prosseguindo há vários anos, na tentativa de contornar a tendência para a baixa da taxa de lucro que se tornou evidente no início da década de 1970, com a chamada crise do petróleo.

O meu empenho em compreender as causas da crise que começara nos EUA mas estava a atingir a Europa com particular dureza já deixou algumas marcas na 1ª edição deste livro, que acabei de escrever em junho/julho de 2010. Mas a crise continuou a fazer o seu caminho de destruição não só

do capital excedentário mas também da vida de milhões de pessoas cujo único 'crime' é o de serem trabalhadores assalariados. E eu procurei acompanhar a evolução deste tsunami destruidor, trabalho que se traduziu na publicação de um estudo autónomo sobre *A Crise do Capitalismo: Capitalismo, Neoliberalismo, Globalização* (Página a Página, Lisboa, 2012), estudo cuja redação ficou concluída, na sua essência, em dezembro de 2011 (ainda em 2012, viria a ser editado em São Paulo pela Editora Revista dos Tribunais, com o título *A Crise Atual do Capitalismo – Capital Financeiro, Neoliberalismo, Globalização*, com um Prefácio do Professor Eros Roberto Grau).

Quando chegou a hora de preparar esta 2ª edição, dei-me conta de que algumas das reflexões incluídas na 4ª edição portuguesa de *A Crise do Capitalismo...* (apresentada em Lisboa em setembro de 2012) talvez ficassem melhor inseridas na reflexão mais ampla desenvolvida neste outro livro. E assim fiz. Ao mesmo tempo, pareceu-me mais ajustado transferir alguns trechos de *As Voltas que o Mundo Dá...* para a nova versão do livro sobre *A Crise do Capitalismo* (cuja 5ª edição portuguesa viu a luz do dia há pouco tempo).

Encerrada a revisão deste texto, olhei para o título da 1ª edição e concluí que ele não se coadunava com o conteúdo do livro, sobretudo nesta nova versão. Decidi, em conformidade, escolher um título que pudesse refletir mais corretamente aquele que é, em boa verdade, o objeto deste livro: *O Estado Capitalista e as Suas Máscaras*.

Na primeira das Três Notas Breves que acompanham a 1ª edição explico a razão da escolha daquele título estranho e extenso (*As Voltas que o Mundo Dá... Reflexões a Propósito das Aventuras e Desventuras do Estado Social*). Apesar das alterações introduzidas, este novo texto é, sem dúvida, uma segunda edição (revista) do texto publicado em 2010.

O texto desta segunda edição brasileira traz com ele uma novidade importante: o Prefácio do Prof. Fábio Konder Comparato, que aceitou de imediato o convite que lhe fiz neste sentido. Fico a dever-lhe mais esta prova de amizade, meu Caro Fábio.

Faço este aviso porque não quero enganar os leitores levando-os a comprar esta edição como se ela fosse um livro completamente diferente daquele que veio a lume em 2010. Acrescentarei, porém, que esta alteração do título representa também, da minha parte, um gesto de respeito para com os eventuais compradores e leitores desta 2ª edição (com alterações significativas relativamente à 1ª), que, lendo o título, ficam mais esclarecidos acerca das matérias abordadas no livro.

As voltas que o mundo dá...

Coimbra, março-abril /2013

António José Avelãs Nunes